

Decente ou precário? dinâmicas laborais de entregadores-ciclistas

ANA CLARA APARECIDA ALVES DE SOUZA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUCRS)

MAIRA PETRINI

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUCRS)

DAVI DAVILA SOUZA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUCRS

Introdução

O estudo examina o trabalho precário em plataformas digitais com foco em entregadores-ciclistas de Porto Alegre/RS. Esse trabalho, marcado por insegurança, longas jornadas, baixos salários e falta de direitos, foi ampliado pela reforma trabalhista de 2017 e pela expansão das plataformas. A “uberização” impõe controle algorítmico, atraindo jovens vulneráveis sem qualificação e oferecendo apenas sobrevivência temporária. Com 15 entrevistas, revelam-se ciclo de precarização, controle da plataforma e mecanismos compensatórios.

Problema de Pesquisa e Objetivo

Estudos recentes analisam as condições de trabalho dos entregadores por aplicativos e destacam movimentos de resistência, como a greve de 2020 durante a pandemia. Neste contexto, este estudo investigou a percepção de trabalho decente entre entregadores-ciclistas em Porto Alegre/RS. Com 15 entrevistas semiestruturadas e abordagem indutiva, foi desenvolvido um framework com três dinâmicas: ciclo vicioso da precarização, ações de controle da plataforma e mecanismos compensatórios, revelando tensão entre representação coletiva e regulação e ampliando a compreensão da uberização e seus impactos.

Fundamentação Teórica

O conceito de trabalho decente, formulado pela OIT (1999), propõe emprego produtivo com renda justa, segurança, proteção social, liberdade sindical e igualdade de oportunidades (OIT, 2017; Ghai, 2003). Em contraste, a precarização expressa a deterioração das condições laborais por flexibilização, informalidade e baixos salários, processo ligado ao neoliberalismo desde os anos 1970 (Antunes, 2008; Alves, Kalleberg, 2009). As plataformas digitais intensificam essa lógica: a chamada uberização combina controle algorítmico e ausência de direitos, afetando especialmente entregadores-ciclistas.

Metodologia

O estudo adotou uma abordagem exploratória qualitativa, buscando compreender em profundidade o fenômeno investigado. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que possibilitaram aos participantes relatar experiências e percepções de forma aberta e detalhada, favorecendo a emergência de significados a partir de suas vivências. A análise dos dados seguiu as técnicas da Grounded Theory, metodologia que combina coleta e interpretação de informações em um processo interativo e sistemático, permitindo a construção de categorias e o desenvolvimento de teorias fundamentadas empiricamente.

Análise e Discussão dos Resultados

A relação dos entregadores com a regulamentação do trabalho evidencia uma tensão entre o desejo de representação coletiva e a rejeição à formalização. Eles buscam proteção, mas não querem abrir mão da flexibilidade considerada essencial. Esse paradoxo reflete necessidades, percepções e desinformações, em que a precariedade é tolerada pela dependência econômica das plataformas. Superar esse impasse exige diálogo e conscientização sobre os benefícios de uma regulamentação equilibrada, além do fortalecimento de associações que ampliem a negociação e garantam direitos.

Considerações Finais

Este estudo aprofunda o entendimento do trabalho em plataformas ao analisar a percepção de entregadores-ciclistas sobre trabalho decente em um cenário de informalidade, instabilidade e ausência de proteção social. Com abordagem qualitativa e indutiva, identifica dinâmicas que evidenciam precarização e significados atribuídos à autonomia. Os resultados oferecem subsídios para políticas que conciliem flexibilidade com garantias mínimas de proteção, segurança e representação coletiva, reconhecendo a necessidade de justiça social no trabalho digital.

Referências

Alves, L. D. (2022). A divisão racial do trabalho como um ordenamento do racismo estrutural. *Revista Katálysis*, 25, 212-221. André, R. G.? Silva, R. O. da? Nascimento, R. P. (2023) “Precário não é, mas eu acho que é escravo”: Análise do Trabalho dos Motoristas da Uber sob o Enfoque da Precarização. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 18(1), 7-34. Antunes, R. (2008). Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho. In *Anais do Seminário Nacional de Saúde Mental e Trabalho*, São Paulo.

Palavras Chave

entregadores, trabalho decente, uberização